

## O espaço dos pontos de vista

Para compreender o que se passa em lugares que, como os “conjuntos habitacionais” ou os “grandes conjuntos”, e também numerosos estabelecimentos escolares, aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem, não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente. É necessário também confrontá-los como eles o são na realidade, não para os relativizar, deixando jogar até o infinito o jogo das imagens cruzadas, mas, ao contrário, para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta do confronto de visões de mundo diferentes ou antagônicas: isto é, em certos casos, o *trágico* que nasce do confronto sem concessão nem compromisso possível de pontos de vista incompatíveis, porque igualmente fundados em razão social.

Se as entrevistas foram concebidas e construídas como conjunto auto-suficiente, suscetíveis de serem lidas isoladamente (e numa ordem qualquer), elas foram distribuídas de maneira que as pessoas pertencentes a categorias que têm possibilidade de ser aproximadas, até confrontadas, no espaço físico (como os zeladores de HLM e os habitantes, adultos ou adolescentes, operários, artesãos ou comerciantes, desse gênero de residência) encontram-se também aproximadas na leitura. Espera-se, assim, produzir dois efeitos: mostrar que os lugares ditos “difíceis” (como hoje o conjunto habitacional ou a escola) são, primeiramente, *difíceis de descrever e de pensar* e que é preciso substituir as imagens simplistas e unilaterais (aquelas que a imprensa sobretudo veicula), por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes inconciliáveis; e, à maneira de romancistas como Faulkner, Joyce ou Virgínia Woolf, abandonar o ponto de vista único, central, dominante, em suma, quase divino, no qual se situa geralmente o observador e também seu

leitor (ao menos enquanto ele não estiver preocupado), em proveito da pluralidade de suas perspectivas correspondendo à pluralidade dos pontos de vista coexistentes e às vezes diretamente concorrentes<sup>1</sup>.

Esse perspectivismo nada tem de um relativismo subjetivista, que conduziria a uma forma de cinismo ou de niilismo. Ele está realmente fundado na própria realidade do mundo social e contribui para explicar grande parte do que acontece neste mundo, e, em particular, inumeráveis sofrimentos oriundos do choque de interesses, de disposições e de estilos de vida diferentes que a coabitação favorece, principalmente no local de residência ou no ambiente de trabalho, de pessoas diferindo sob todos esses aspectos. É no interior de cada um dos grupos permanentes (vizinhos de bairro ou de prédio, colegas de escritório, etc.), horizonte vivido de todas as experiências, que são percebidas e vividas, com todos os erros (principalmente de perspectiva), resultando do efeito da tela as oposições, em matéria de estilo de vida, sobretudo, que separam classes, etnias ou gerações diferentes. Mesmo se se encontram às vezes pessoas cuja trajetória e posição inclinam para uma visão fragmentada e dividida contra ela mesma (penso nessa comerciante de artigos de esporte de um conjunto habitacional “difícil” que se acha com motivos para se defender com vigor das agressões dos jovens, ao mesmo tempo que os olha com compaixão), o confronto direto das diferenças tem como efeito favorecer a lucidez interessada e parcial da polêmica (é o caso, por exemplo, quando certa imigrante espanhola invoca a diferença entre as estruturas das famílias européias, que combinam uma taxa de fecundidade baixa e, muitas vezes, uma forte disciplina de vida, e as famílias norte-africanas, bastante prolíferas e muitas vezes votadas à anomia pela crise de autoridade paterna resultante da condição de exilado, mal adaptado e, às vezes, colocado sob a dependência de seus próprios filhos).

Não que a experiência da posição ocupada no macrocosmo social não seja determinada ou, ao menos, alterada pelo efeito diretamente provado das interações sociais no interior desses microcosmos sociais, escritório, oficina, pequena empresa, vizinhança e também família extensa. A peça de Patrick Süskind, *O contrabaixo*, oferece uma imagem particularmente feliz da experiência dolorosa que podem ter do mundo social todos aqueles que, como o contrabaixista no meio da orquestra, ocupam uma posição inferior e obscura no interior de um universo

---

1. Poder-se-ia também invocar o modelo do *Dom Quixote* que, sobretudo dando nomes diferentes, explicados por justificativas etimológicas diversas, aos mesmos personagens, ou jogando sobre os níveis de linguagem, tenta restituir a “multivalência que as palavras possuem para os diferentes espíritos” e, ao mesmo tempo, a pluralidade de perspectivas que constituem a complexidade e a ambigüidade da existência humana (cf. L. Spitzer, *Linguistic Perspectivism in “Don Quijote”*, *Linguistics and Literary History: Essays in Linguistics*. Princeton University Press, Princeton, 1948, p. 41-85).

prestigioso e privilegiado, experiência tanto mais dolorosa sem dúvida porque este universo, do qual eles participam justo o suficiente para provar seu relativo rebaixamento, está situado mais alto no espaço global. Esta *miséria de posição*, relativa ao ponto de vista daquele que a experimenta fechando-se nos limites do microcosmo, está votada a parecer “totalmente relativa”, como se diz, isto é, completamente irreal, se, tomando o ponto de vista do macrocosmo, ela for comparada à grande miséria de condição; referência quotidianamente utilizada para fins de condenação (“você não tem do que se queixar”) ou do consolo (“há coisa muito pior, você sabe”). Mas estabelecer a grande miséria como medida exclusiva de todas as misérias é proibir-se de *perceber* e compreender toda uma parte de sofrimentos característicos de uma ordem social que tem, sem dúvida, feito recuar a grande miséria (menos, todavia, do que se diz com freqüência), mas que, diferenciando-se, tem também multiplicado os espaços sociais (campos e subcampos especializados), que têm oferecido as condições favoráveis a um desenvolvimento sem precedentes de todas as formas da pequena miséria. E não se teria dado uma representação justa de um mundo que, como o cosmos social, tem a peculiaridade de produzir inumeráveis representações de si mesmo, se não se tivesse feito seu lugar no espaço dos pontos de vista para essas categorias particularmente expostas à pequena miséria que são todas as profissões que têm por missão tratar a grande miséria ou falar dela, como todas as distorções ligadas à particularidade de seu ponto de vista.